

ÍNDIOS BRASILEIRO GUERRA

Paulo Azor

Um pouco de História

Os indígenas americanos são comumente designados como ameríndios; para caracterizarmos os primeiros habitantes do Brasil damos-lhes o nome mais específico de **brasilíndios**. A teoria mais provável sobre a origem dos ameríndios admite que a maior parte deles tenha chegado à América vindo da Ásia, através do Estreito de Bering.

Os índios brasileiros foram classificados em quatro grandes grupos: tupis, jês, aruaques e caraíbas. Existem ainda grupos menores, como os nambiquaras, os guaicurús, os tucanos e outros. Cada grupo lingüístico inclui numerosas tribos. Assim, entre os tupis, contam-se os tupiniquins, os tupinambás, os tamoiós, os carijós; entre os jês, os aimorés, os timbiras, os caiapós, os xavantes; os índios bacairis e os pimenteiras são caraíbas; os aruaás, os parecis, os terenas são aruaques. Eles deram importante contribuição para os costumes e para a formação cultural do povo brasileiro. Muitos hábitos, várias palavras e também elementos folclóricos do Brasil atual são de origem indígena.

Extermínio progressivo

Os primeiros brancos que estabeleceram contatos com os índios foram bem-recebidos, sendo aceitos hospitaleiramente por eles. Muitos se integraram de tal maneira que adotaram os costumes das tribos em que viviam, incorporando-se a elas. Mais tarde, entretanto, quando teve início a exploração agrícola, os índios passaram a ser um estorvo para os colonizadores, que precisavam de suas terras e de seu trabalho. Nessa oportunidade, os indígenas começaram a ser obrigados ao trabalho da lavoura. O internamento no sertão para fugir ao domínio dos colonizadores foi uma das soluções encontradas pelos brasilíndios quando não podiam vencê-los na guerra. O resultado foi o desaparecimento quase completo dos grupos indígenas que habitavam o litoral, à medida que os colonos ampliavam sua faixa de ocupação.

A penetração dos colonos desintegrou o modo de vida de inúmeros gru-



pos indígenas, tornando sua sobrevivência extremamente difícil. Além disso, milhares de índios foram exterminados nas guerras de conquista e também em consequência da escravização. Outros milhares desapareceram vítimas por doenças transmitidas pelo homem branco. Calcula-se que, numa epidemia de varíola ocorrida em 1563 na Bahia, morreram cerca de 30.000 índios.

O impasse de Roraima

Dos três a quatro milhões de índios que habitavam o Brasil à época de Cabral, restaram aproximadamente 210 mil (cabem todos no estádio do Maracanã). E se nada for feito, em pouco tempo estes, da mesma forma, irão desaparecer. Basta ver o que vem ocorrendo com os nossos Irmãos ianomâmis no Estado de Roraima, Região Norte do

Brasil, com seus 230 mil quilômetros quadrados de campos naturais, florestas virgens e serras de origem vulcânica. O ex-território tem uma população residente de aproximadamente 120 mil habitantes, que pode ser "inchada" para 250 mil devido ao "rush" do ouro no ano passado. Atualmente, existem cerca de 45 mil irmãos garimpeiros lá. Os órgãos federais estimam que cheguem a 25 ou 30 mil indígenas, divididos em 10 grupos. Entre eles, estão aproximadamente 7.300 ianomamis, segundo o Conselho Interministerial, que trata da questão indígena.

Na região do Surucucus, próximo à fronteira da Venezuela, os índios viviam em um isolamento que se tornou fatal desde que a área — aonde só se chega de avião — foi liberada para o garimpo. Alterando-lhes a cultura imemorial, os Irmãos garimpeiros exercem uma ação prejudicial que está levando os

OS: O SUFOCO DOS EIROS

ianomâmis à dizimação. Afugentados de suas terras de origem pela miséria, e na ânsia de explorar recursos minerais da região, preciosidades como ouro, cassiterita e diamante, eles poluem os rios e igarapés com mercúrio, dificultando a pesca; assustam a caça com seus hábitos alienígenas; disseminam doenças que antes os índios não conheciam, tornando-se, mesmo que não intencionalmente, uma ameaça à vida e à cultura ianomâmi. Nessa marcha ocupacional, os índios ficam sem possibilidade de defesa.

Os ianomâmis não gritam, mas o seu murmúrio atravessa o espaço e chega a outras partes; repercute no exterior e provoca uma reação no Brasil. O Governo resolveu dar os primeiros passos para impedir a extinção desse povo, que também conta com a mobilização de entidades de defesa dos direitos indígenas.

A dialética da Boa Vontade

Na sua Campanha de Valorização do Ser Humano e seu Espírito Eterno, a Obra Máxima de DEUS no Planeta Terra, a LEGIÃO DA BOA VONTADE Mundial tem, no transcorrer dos últimos 40 anos, lutado incessantemente contra qualquer tipo de discriminação na sociedade (do negro, do índio, da mulher etc.). O impasse de Roraima leva-nos, sob a inspiração do Amor do Novo Mandamento de JESUS, a alertar fraternalmente todos os envolvidos no presente episódio, para que meditem bastante nesta afirmação:

Para nós da LBV só existe uma raça: A RAÇA UNIVERSAL DOS FILHOS DE DEUS. E achamos

que a obrigação de gente civilizada é entender-se civilizadamente. A falta do espírito solidário está minando a Humanidade.

O momento é delicado e exige de nós, brasileiros, muita união e espírito de luta. Unamo-nos, pois, para extirpar de nossos corações todos os sentimentos de rancor, de animosidade, de discórdia, e procuremos, invocando a proteção de DEUS (que é DEUS de todas as criaturas terrestres), solucionar os problemas desse conflito ianomâmis/garimpeiros, infundindo-lhes um maior respeito mútuo e despertando-lhes a Fraternidade, que é condição mínima de civilidade de um povo que se diz cristão. Agindo assim, teremos contribuído para um bom termo de entendimento que possa beneficiar a todos.

Ateísmo religioso

Luciano Meira

Revistas e jornais brasileiros estiveram levantando fatos que demonstram a religiosidade intrínseca aos Seres Humanos, até mesmo quando sob os regimes oficialmente ateus e materialistas, hoje, a caminho da extinção.

Era inevitável que chegassem a essa conclusão que já faz parte da dialética da Boa Vontade desde o tempo do Fundador da LEGIÃO DA BOA VONTADE, o saudoso radialista e poeta Alziro Zarur. Em 1985, o jornalista e também radialista Paiva Netto, Diretor-Presidente da Instituição, sucessor de Zarur, sintetizou o que há muitos anos já afirmava no rádio e na televisão, neste trecho do Editorial do JORNAL DA LBV número 24:

"O espírito religioso do homem é tão forte que aqueles que estabeleceram o sistema materialista, ateu, na Terra, terminaram, para poder governar, erigindo o Estado como um deus e elevando ao clímax o culto à personalidade de deuses humanos. Não se pode tirar impunemente a crença do povo... Por isso, para compensar, substituem DEUS pelo Estado, criando uma religião irreligiosa, também cheia

de rituais, pompas e desfiles (procissões). Perdem seu tempo, porque DEUS é insubstituível. Acabam dando o pior para as massas populares, porque o Estado não pode substituir DEUS, jamais. No final, com o deus Estado, também as nações materialistas criam outras hierarquias, classes, explorações, porque ainda vige neste Planeta o antigo ditado "Homo hominis lupus", acima das ideologias.

"O grande segredo da Paz é, contra todas as argumentações contrárias, iluminar o coração dos Homens com o Amor. Não há regime bom enquanto o Homem for mau. E um dos grandes defeitos da ciência chamada Economia é não levar em conta um princípio tão elementar. De tanto tratar com números, se esquece de que surgiu para servir aos Seres Humanos, que não são meros dados de computador."

No lançamento do seu livro A BÍBLIA PARA O POVO, em 21/10/1988, em entrevista à repórter Jussara Elias, da TV OEME de Curitiba/PR, Paiva Netto mais uma vez falou sobre essa questão:

"Nas DIRETRIZES ESPIRITUALISTAS DA LBV MUNDIAL afirmo que é

perda de tempo tentar acabar com as religiões, porque o Homem, mesmo quando ateu, nasce com o espírito de religiosidade. No mesmo plano está perseguir a Cultura, a Arte. Isso não funciona, visto que o Ser Humano tem necessidade dessa vivência. Alguns dizem: 'A Bíblia está superada, já era.' No entanto ela está sobrevivendo. Nas nações oficialmente ateias era vendida na clandestinidade, porque contém alguma coisa de que o Homem não pode abrir mão. Em vez de combatê-la, vamos descobrir o que tem de especial, que



Ilustração e criação: Helena Flaurino e Francisco

a traz de milhares de anos até agora. Continua sendo numa época de materialidade o maior best-seller do mundo."

Touché!